



Governo do Estado de Santa Catarina

Secretaria de Estado da Fazenda

Diretoria de Planejamento Orçamentário

Indicadores Econômico-Fiscais

Santa Catarina, Fevereiro de 2016

SUMÁRIO

		pág
	INTRODUÇÃO	2
2	RESUMO EXECUTIVO - As Perspectivas para a Economia Catarinense em 2016	4
3	QUADRO RESUMO	6
4	RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL	7
5	RECEITA TRIBUTÁRIA – RT	8
6	NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE	9
6.1	Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor	9
6.2	Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos	10
6.3	Produção Industrial Física	11
6.4	Volume e Receita Nominal de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	12
6.5	Receita Nominal do Setor de Serviços	13
6.6	Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica	14
6.7	Mercado de Trabalho	15
6.8	Comércio Exterior	16
6.9	Índices de Confiança	17
6.10	Desempenho por Estado da Federação	18
7	OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – Inflação e Taxa de Câmbio	19
8	ECONOMIA INTERNACIONAL	20

NOTA EXPLICATIVA: A DIOR não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

INTRODUÇÃO

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina traz dados estatísticos da economia e das receitas do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (Pib), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo, inflação e câmbio, e as expectativas de agentes econômicos, entre outros indicadores da economia estadual.

Os indicadores são atualizados periodicamente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica presente no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Nesta edição, apresenta-se um panorama do desempenho da economia em 2015 e as perspectivas para 2016 e uma síntese dos principais indicadores da economia estadual disponíveis até a última semana de fevereiro. Também, baseado nesses e em outros indicadores, apresenta-se a atualização da previsão da taxa de crescimento do Pib estadual para 2015, bem como a nova série do Pib estadual, recentemente divulgada pelo IBGE.

São cerca de 20 indicadores econômicos organizados e divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte ao processo de elaboração do orçamento estadual bem como à tomada de outras decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

2. RESUMO EXECUTIVO – As perspectivas para a economia catarinense em 2016

O ano que passou definitivamente não foi bom para a economia brasileira. A recessão se propagou pelos estados atingindo os mais diversos setores e se intensificou a medida que o ano foi avançando. O aprofundamento da crise política que o País vem enfrentando desde as eleições de 2014 e o desenrolar dos graves escândalos de corrupção obscureceram profundamente o horizonte dos agentes econômicos, levando a um cenário de difícil previsão.

Ao País faltou liderança capaz de aglutinar interesses em torno de uma agenda capaz de enfrentar os desequilíbrios estruturais construídos ao longo dos últimos anos e que resultaram em uma crescente deterioração fiscal e macroeconômica.

O mundo também não ajudou. Com crescimento baixo na Europa, lenta recuperação dos EUA, desaceleração da economia da China e recessão na América Latina, o comércio mundial retraiu, derrubando severamente o preço internacional das principais commodities, principal item da pauta de exportações do Brasil.

Também as especulações em torno da elevação das taxas de juros nos EUA pressionaram o câmbio em todo o mundo. O real, já pressionado pelos problemas internos, desvalorizou mais de 40% em 2015, a maior depreciação cambial entre os principais países.

Os riscos se avolumaram e o rebaixamento no rating do Brasil pelas principais agências de classificação de risco tornou-se inevitável. Com isso, o custo de captação de recursos para empresas e governos tornou-se mais

caro, reduzindo o potencial de investimentos. A saída da crise tornou-se ainda mais difícil.

Em SC, 2015 iniciou com certo distanciamento da crise, embora os sinais de desaceleração já estivessem presentes. As crises política e econômica que se retroalimentavam acabaram gerando muitas incertezas e conduziram as percepções e expectativas dos empresários e consumidores locais a baixas históricas. A retração econômica foi se intensificando e contaminando todos os setores da economia.

O comércio estadual vendeu 10% a menos que no ano anterior, queda que superou a média do País. Dos 10 segmentos do varejo pesquisados, apenas o de fármacos e artigos de uso pessoal e doméstico tiveram algum crescimento. As maiores retrações foram no segmento de veículos e de equipamentos de escritório e informática. O segmento de alimentos retraiu 5% e o de materiais de construção, 3,4%.

A produção industrial catarinense encolheu 7,9%, um pouco menos que a brasileira. Das 12 atividades pesquisadas em Santa Catarina, 11 reduziram a produção, na comparação com 2014. Os subsetores que mais influenciaram a queda foram os de metalurgia, o de máquinas, aparelhos e materiais elétricos e o de produtos têxteis. O de produtos alimentícios foi o único que cresceu no período, mas apenas 0,1%.

A receita nominal dos serviços, na comparação com 2014, cresceu 1,3% em valores nominais. A inflação no mesmo período foi 10,67%. A redução da massa salarial, o corte nos gastos das empresas e o aprofundamento da crise na indústria explicam a gradativa retração na receita dos serviços.

Ainda ilustram a magnitude da retração as vendas de óleo diesel, que caíram 5,5% e a queda do consumo de energia elétrica, de 3,1%. Na indústria o consumo caiu 5,3%, no comércio, 1,5% e o residencial, 2,5%.

A taxa de desocupação no Estado, embora seja a mais baixa do País, aumentou. Quase 60 mil postos de trabalho foram fechados, principalmente na indústria de transformação, na construção civil e no comércio.

Isso tudo deixou uma herança negativa para 2016. Com a perspectiva de desemprego crescente, de queda na renda, de inflação em patamares elevados e de crédito caro, tornou-se difícil imaginar uma rápida recuperação da confiança na economia. Ainda mais, em meio à espetacular crise política que inviabiliza o necessário ajuste fiscal e as urgentes reformas estruturais que tramitam no Congresso Nacional.

Com isso, o ano será marcado por consumidores cautelosos e retraídos, por empresários receosos e por governos sem recursos para investir. O mercado de trabalho e a renda não deverá ter melhora.

O cenário para o varejo é de retração, que pode ser até maior que a do ano passado. Os setores dependentes de crédito, como o de móveis, eletrodomésticos e veículos deverão ser os mais afetados. A inflação também deverá afetar o varejo de alimentos.

A indústria deverá continuar com dificuldades, mas terá algum fôlego, seja pelo aumento das exportações de manufaturados, seja pelo efeito da substituição de importações, ambos em função da desvalorização cambial. O câmbio, a propósito, deverá continuar pressionado, principalmente pelo provável início da elevação da taxa básica de juros nos EUA, que deslocará capitais internacionais para aquele destino.

O setor de serviços foi o último a retrair, mas também deverá seguir retraindo, contagiado pela retração na indústria e no comércio. Essas perspectivas indicam mais demissões e fechamento de empresas.

A retração generalizada da atividade econômica deverá manter a arrecadação de tributos em queda, complicando a saúde financeira dos municípios, dos estados e da federação.

Ainda assim, já há alguns indícios de uma perspectiva positiva. A inflação, por exemplo, deverá ceder um pouco, seja pelos efeitos da queda na demanda por produtos e serviços, seja pelo realinhamento dos preços administrados.

A alta do dólar, apesar de pressionar a inflação e aumentar o custo do endividamento, estimula as exportações e reduz a capacidade de importar, viajar e contratar serviços no exterior, trazendo efeito positivo nas transações correntes do País que já vêm melhorando. Também tem potencial de estimular o mercado interno pelo efeito substituição de importações. Com isso, a indústria ganha competitividade tanto nas vendas externas como no mercado interno.

Mas talvez o importante neste difícil momento do País seja o desenrolar da depuração na política que está em vigor e a afirmação das instituições brasileiras, submetidas a uma provação sem precedentes. Isso poderá, no médio prazo, trazer efeitos positivos ao funcionamento da economia e ao desenvolvimento do País. No entanto, o desfecho dessa crise é crucial para a retomada da confiança e para a recuperação econômica.

Os jogos olímpicos e as eleições municipais poderão distrair o público, mas não salvarão nossa sofrida economia, nem mesmo a daqueles estados mais resilientes e de contas melhor ajustadas.

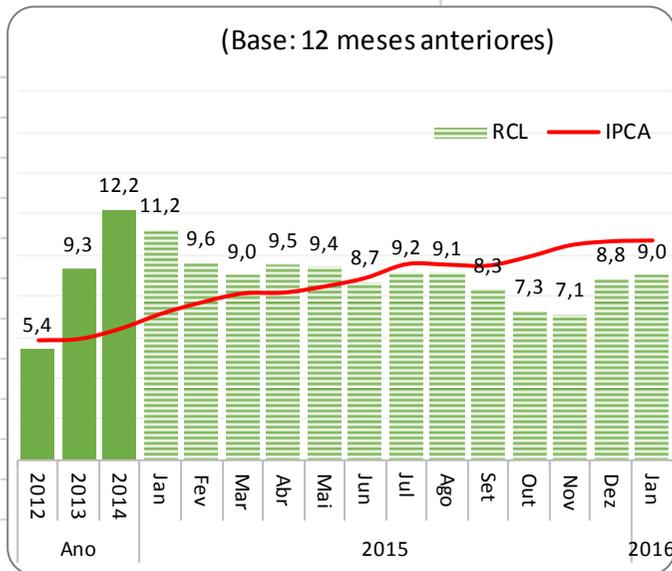
Paulo Zoldan - Economista

3 QUADRO RESUMO – INDICADORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA EM SANTA CATARINA

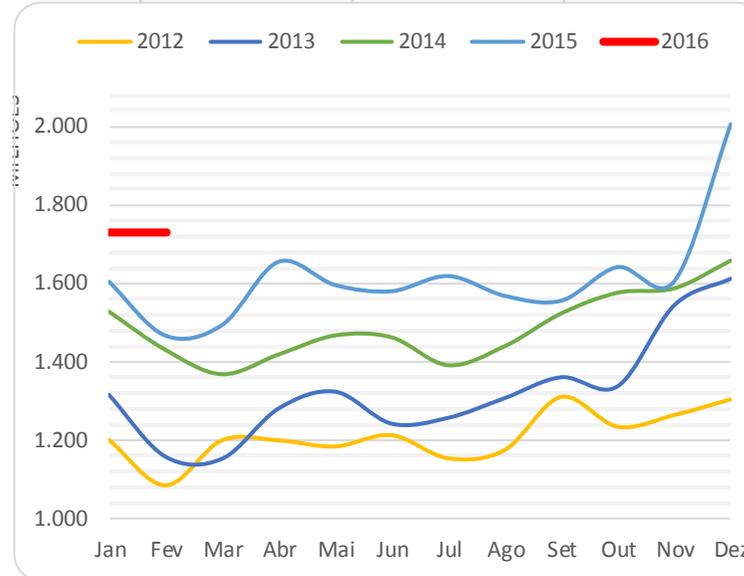
Indicador	Mês de Referência	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)					Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
								Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses
Receita Corrente Líquida	Janeiro					9,0	-13,9	7,6	7,6	9,0
Receita Tributária	Janeiro					3,6	11,7	12,5	12,5	3,6
ICMS	Janeiro					2,1	20,8	12,7	12,7	2,1
PIB 2015 - Previsão	Janeiro				-2,7					-2,7
Empregos com Carteira Assinada	Janeiro				-3,3		0,4		0,4	-3,3
Produção Industrial - Indústria Geral	Dezembro				-7,9		-5,4	-9,8	-7,9	-7,9
Exportações	Janeiro			-15,8			-29,7	-20,7	-20,7	-15,8
Importações	Janeiro	-25,1					1,7	-45,8	-45,8	-25,1
Volume de Vendas do Comércio Varej. Ampl.	Dezembro				-10,1			-16,3	-10,1	-10,1
Receita das Vendas do Comércio Varej. Ampl.	Dezembro				-2,5			-6,8	-2,5	-2,5
Receita Nominal de Serviços	Dezembro					1,3		0,3	1,3	1,3
Venda de Veículos Novos	Janeiro				-30,6		-41,3	-34,2	-34,2	-30,6
Consumo Aparente de Cimento	Junho				-0,8		1,6	9,2	-0,6	-0,8
Vendas de Óleo Diesel	Janeiro				-6,5		-1,8	-10,1	-10,1	-6,5
Consumo de Energia Elétrica	Dezembro				-3,1	0,0	-3,8	-9,0	-3,1	-3,1
Inflação (IPCA/Brasil)	Janeiro					10,7	1,27		1,3	10,7
Dólar (R\$ / US\$)	Fevereiro					26,8	-1,7	41,3	-1,7	26,8

4 RECEITA CORRENTE LÍQUIDA – RCL (1)

Crescimento (%) acumulado em 12 meses



Arrecadação mensal (R\$ Milhões)



DESTAQUES

Receita cresce menos que inflação

A RCL cresceu 9% em 12 meses até janeiro. A inflação no período foi 10,71%.

Em janeiro, na comparação com o mês anterior, as receitas correntes caíram 8,5%. Embora a arrecadação do ICMS tenha crescido 20,8%, na comparação, houve forte queda em outras receitas e nas transferências da União.

Redução nas transfêrencias da União

A RCL atingiu R\$ 1,7 bilhões em janeiro, 7,6% maior que a do mesmo mês de 2015. A receita tributária cresceu 12,5% na comparação, mas houve forte redução nas transferências correntes e em outras receitas correntes. As deduções cresceram 8,4% no período.

(1) A RCL é a diferença entre as receitas correntes (tributárias e outras e as transferências correntes) e as deduções. É a base para estabelecer limites de gastos do governo.

Crescimento (%) da RCL por tipo de receita até janeiro

	Var. mensal - (Base: igual mês anterior)	Var. acum. no ano (Base:igual período anterior)
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (1)	-13,9	7,6
RECEITAS CORRENTES	-8,5	7,9
Receita Tributária	11,7	12,5
ICMS	20,8	12,7
IPVA	30,3	7,1
ITCD	-32,0	13,9
IRRF	-48,9	15,5
Outras Receitas Tributárias	7,5	10,8
Outras Receitas	-50,4	30,6
Transferências Correntes	-33,9	-12,6
Outras Receitas Correntes	-41,3	-8,4
DEDUÇÕES	5,8	8,4

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

5 RECEITA TRIBUTÁRIA – RT

RECEITA TRIBUTÁRIA (1)

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef

DESTAQUES

Receita cresce

A receita tributária cresceu apenas 3,6% nos últimos 12 meses. A taxa voltou a crescer depois de 5 meses em queda, nessa comparação, mas, permanece bem abaixo da inflação.

87,2%

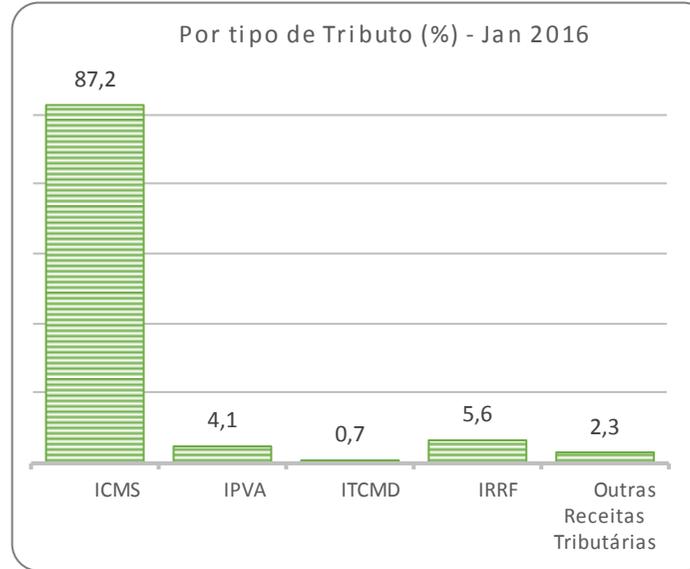
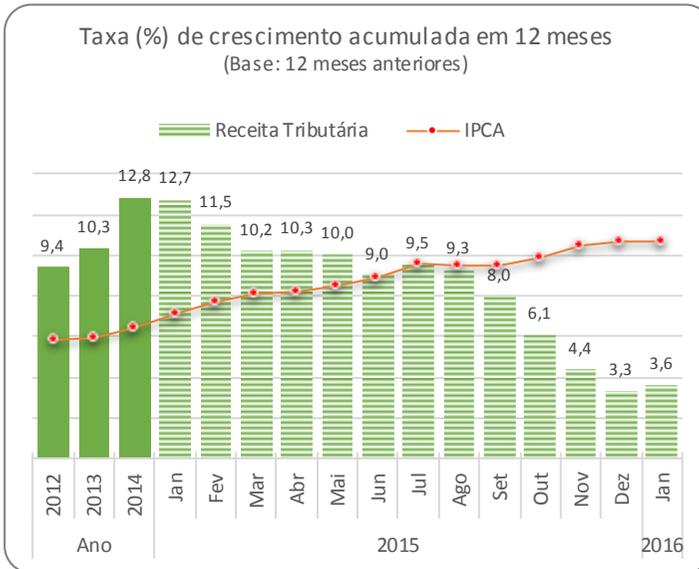
Foi a participação do ICMS na receita tributária do Estado, em janeiro. A participação é significativamente maior que a observada em 2015.

Turismo impulsiona arrecadação

A arrecadação do ICMS desacelerou rapidamente no segundo semestre de 2015, mas, graças a grande movimentação turística no Estado, teve uma significativa recuperação em janeiro.

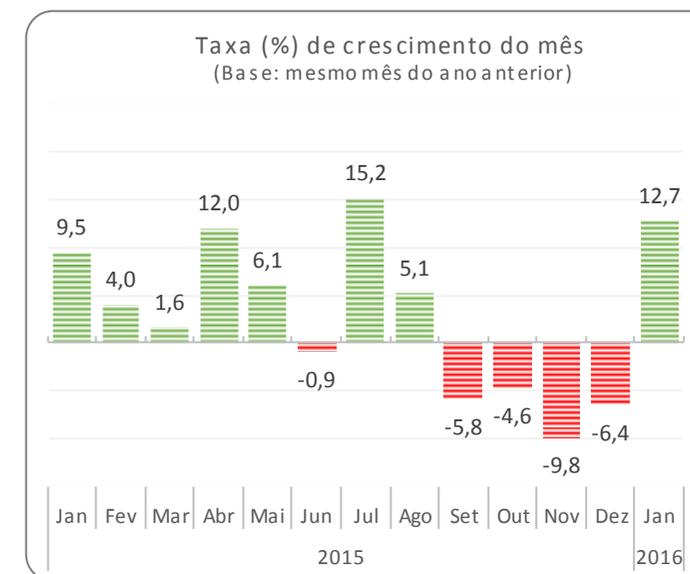
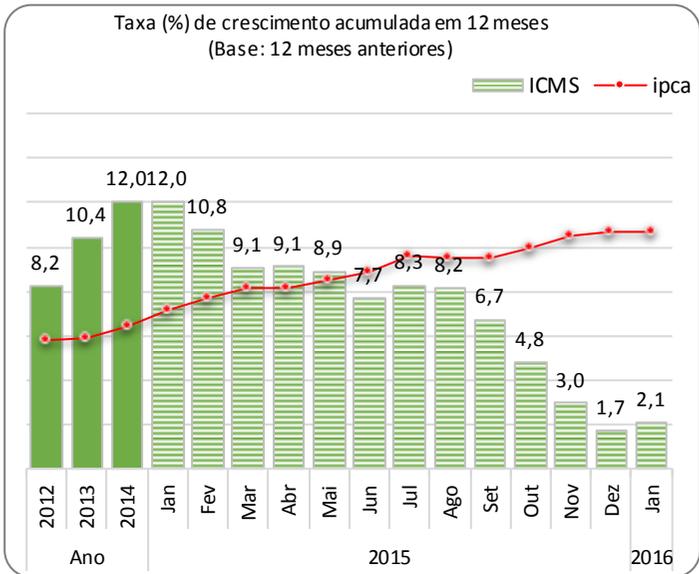
O ICMS cresceu 20,8% em janeiro na comparação com a arrecadação de dezembro. Na comparação com janeiro de 2015, o crescimento foi 12,7%.

(1) A receita tributária é formada por impostos estaduais (ICMS, IRRF, IPVA, ITCMD e ITBI) e taxas pagas ao Tesouro.



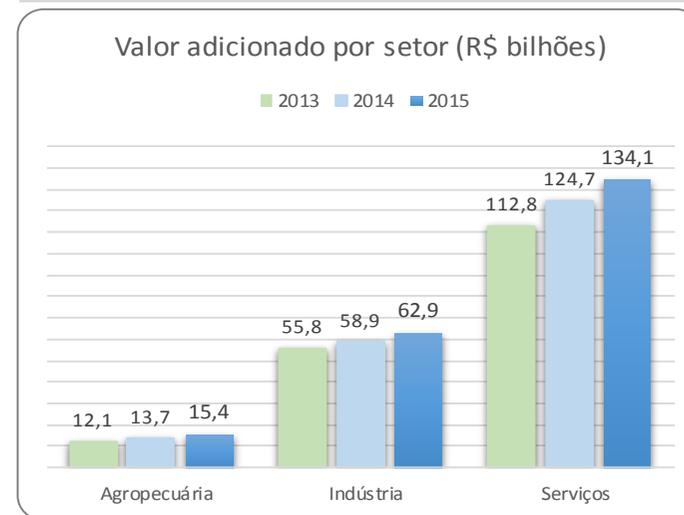
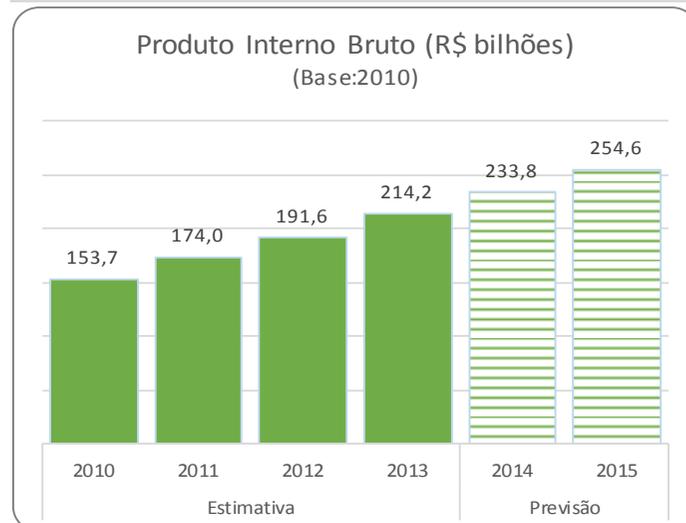
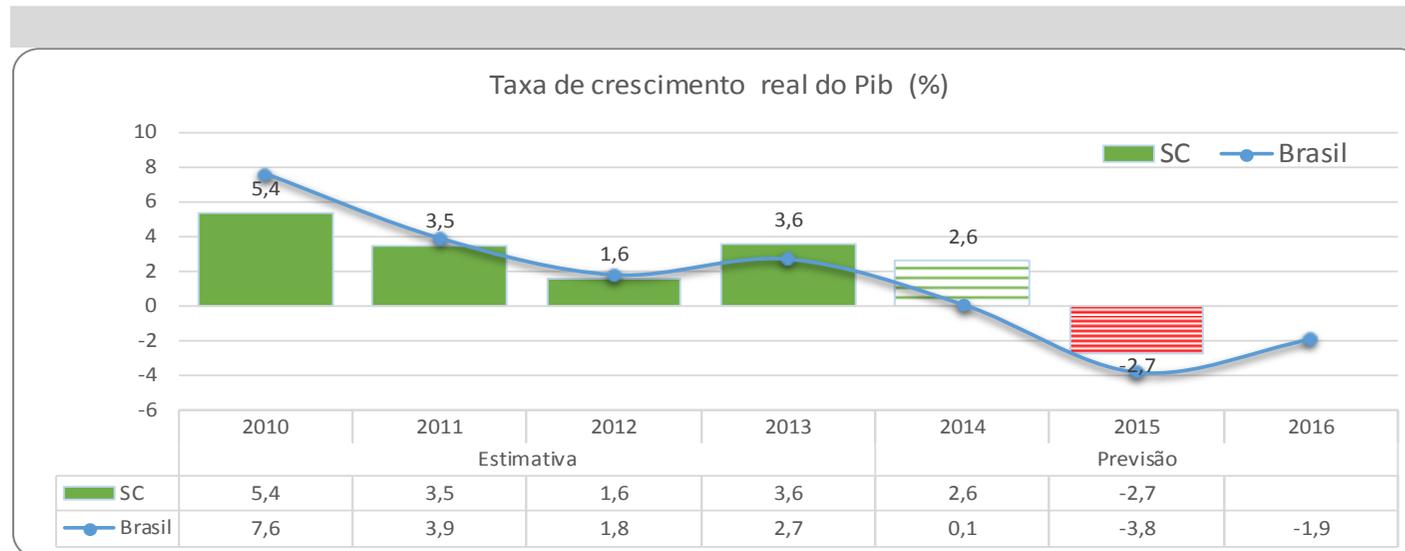
ICMS

Fonte: SEF-SC/DCOG - Sigef



6 NÍVEL DE ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

6.1 Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor



Fonte: IBGE/Contas Regionais e Nacionais; SPG/SC e SEF/SC/DIOR; e Bacen (RTI - Relatório Trimestral de Inflação, dez/2015).

Elaboração: SEF/DIOR

DESTAQUES

Economia brasileira está encolhendo

A economia brasileira está em forte recessão. O IBGE calculou um retração de 3,8% em 2015, enquanto o Banco Central prevê mais 1,9% de queda em 2016. No entanto, informações de mercado já apontam para uma retração em torno de 3,5% em 2016.

-2,7%

Foi a previsão de retração do Pib estadual para 2015, com base nos indicadores disponíveis até janeiro.

Os serviços retraíram 2,8%. A indústria total caiu 3,4%, sendo que a de transformação caiu 6,8%. O crescimento da agropecuária, dos serviços industriais de utilidade pública, da adm. pública (APU) e de alguns segmentos dos serviços não compensou a retração dos demais.

Nova Base

De acordo com os novos resultados que contemplam o ano de 2010 como referência e a incorporação de uma nova classificação de produtos e atividades, o Pib estadual cresceu 3,6% em 2013, atingindo R\$ 214,2 bilhões.

6.2 Produção Agropecuária – Produção e Preços dos Principais Produtos

DESTAQUES

Dentre os 17 principais produtos agropecuários do Estado, 12 reduziram a produção em 2015. Substituição de área e problemas climáticos impactaram a produção.

Soja cresce no Estado

A produção de soja, por ser mais rentável, vem ocupando áreas antes destinadas ao milho ou à fruticultura.

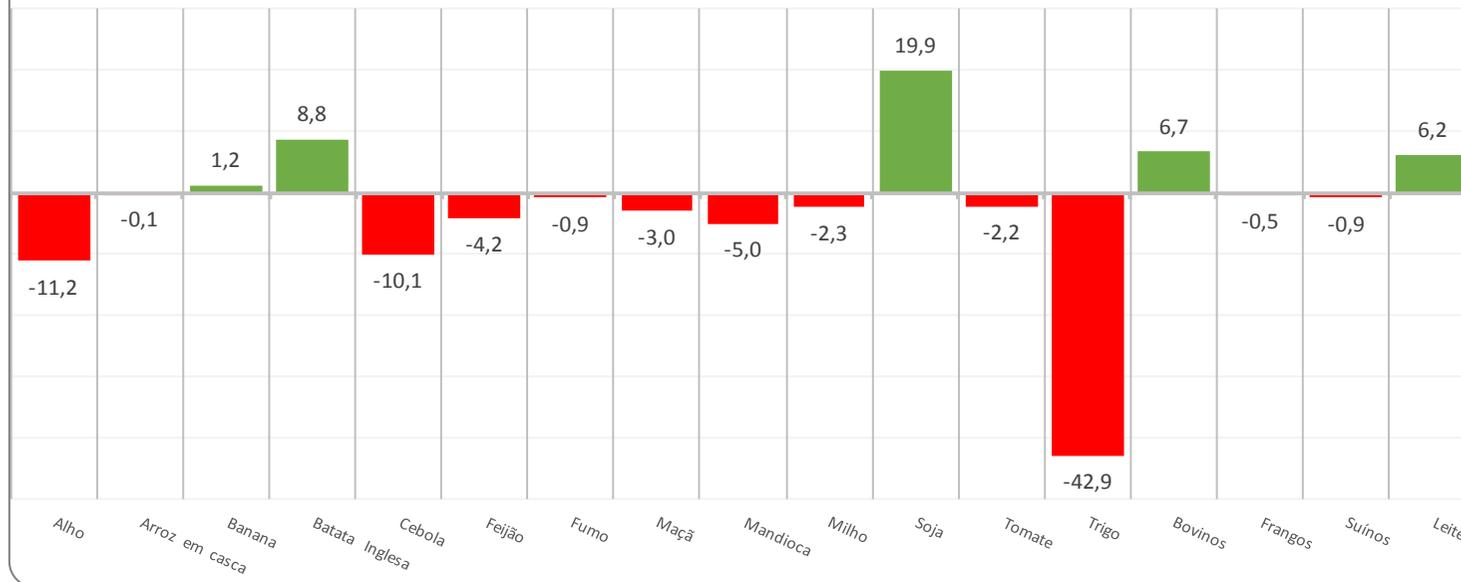
Agricultura

Em 2015, o Índice de Quantum da produção agrícola de 2015 cresceu de 1,18% e, o de preços, 5,9% na comparação com os dados da safra anterior.

Pecuária

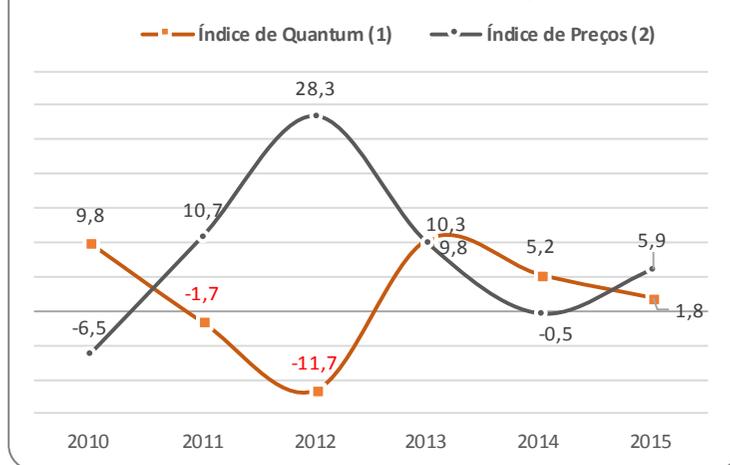
Em 2015, a produção pecuária cresceu 1,77%, enquanto os preços cresceram 0,8% na comparação com os dados do ano anterior.

Crescimento (%) na produção agropecuária: 2015/2014



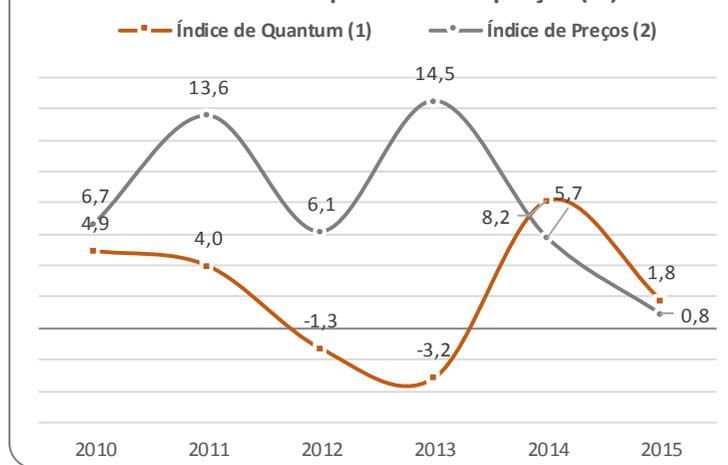
AGRICULTURA

Índice de quantum e de preços (%)



PECUÁRIA

Índice de quantum e de preços (%)



Fonte: IBGE/LSPA de dezembro 2015 e Pesquisa Trimestral do Leite; MAPA/SIPAS e DFAs Janeiro 2016 e EPAGRI (Preços Recebidos pelos Agricultores)

6.3 Produção Industrial Física

Fonte: IBGE/PIM

DESTAQUES

Ano péssimo para a indústria

Em 2015, na comparação com o ano anterior, a produção industrial catarinense encolheu 7,9%, enquanto, a brasileira, retraiu 8,3%.

Indicadores FIESC - Vendas

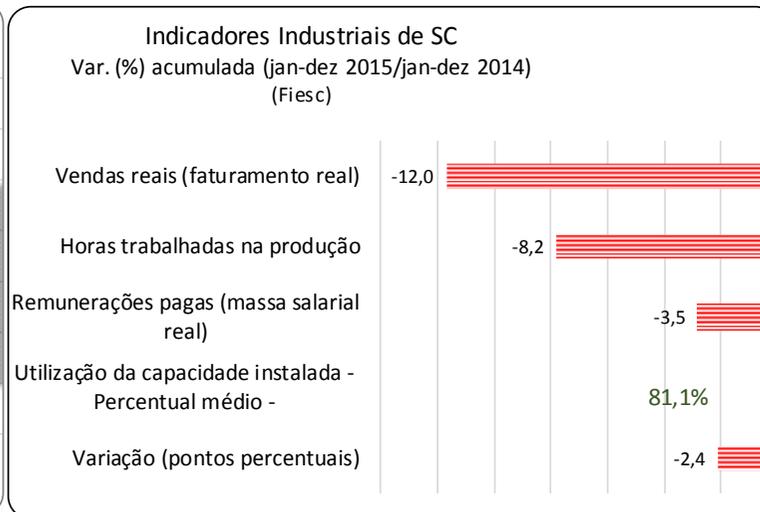
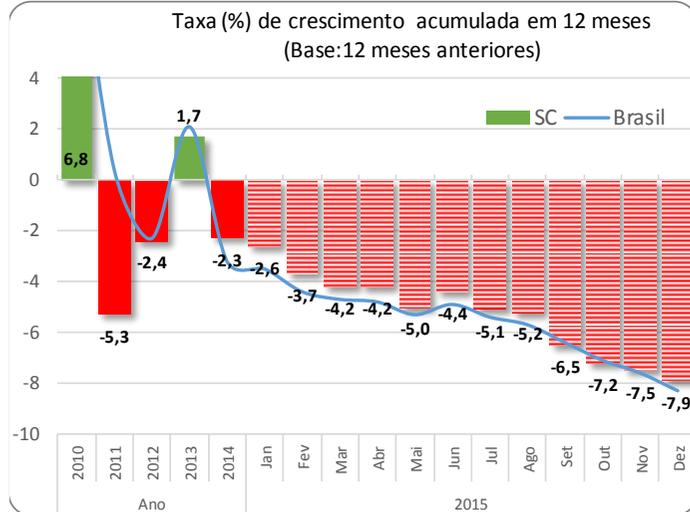
As vendas da indústria caíram 12% em 2015, a maior desaceleração da série iniciada em 2004. O desempenho foi negativo para 13 dos 16 setores. Os segmentos com maior queda foram os de vestuário (-25,2%), alimentos (-20,1%) e veículos e autopeças (-16%).

Queda é menor que a do País

Na comparação com dezembro de 2014, a indústria catarinense teve redução de 9,8% na produção. A queda, no entanto, foi menor do que a verificada em nível nacional, de 11,9%. Os subsetores que cresceram naquele mês, no Estado, foram o de alimentos e artigos de vestuário.

Produtos alimentícios é o único setor que teve crescimento

Das 12 atividades pesquisadas em Santa Catarina, 11 reduziram a produção, na comparação com 2014. Os setores que mais influenciaram a queda foram os de metalurgia e de máquinas, aparelhos, materiais elétricos e o de produtos têxteis. O subsetor de produtos alimentícios foi o único que cresceu no período, mas apenas 0,1%.

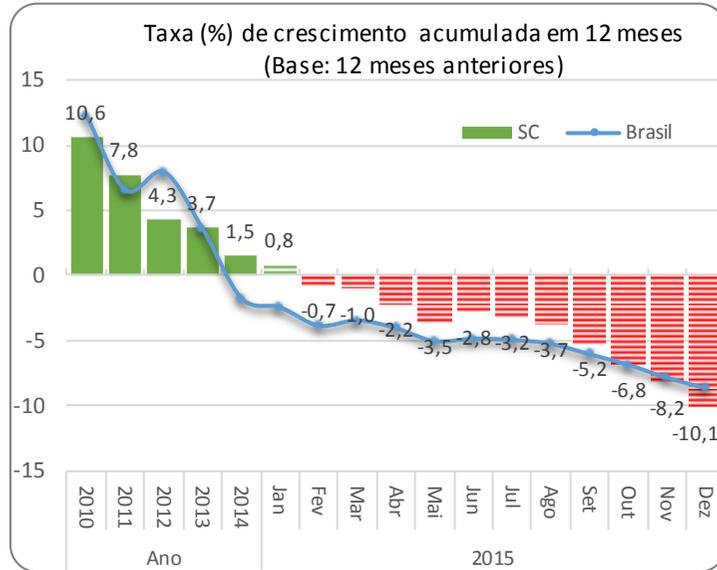


INDÚSTRIA GERAL POR SUBSETOR

SUBSETOR	Variação (%) mensal - dezembro (Base: igual mês do ano anterior)	Var. (%) acum. no ano - até dezembro (Base: igual período do ano anterior)
Indústria Geral - BR	-11,9	-8,3
Indústria Geral - SC	-9,8	-7,9
Produtos alimentícios	0,6	0,1
Produtos têxteis	-13,2	-12,2
Artigos do vestuário e acessórios	3,7	-2,3
Produtos de madeira	-1,4	-3,5
Celulose, papel e produtos de papel	-6	-1,1
Produtos de borracha e de material plástico	-14,5	-8,3
Produtos de minerais não-metálicos	-15,6	-1,9
Metalurgia	-36	-25,5
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	-15,2	-6,2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-15	-21,6
Máquinas e equipamentos	-15,7	-13
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-30	-11

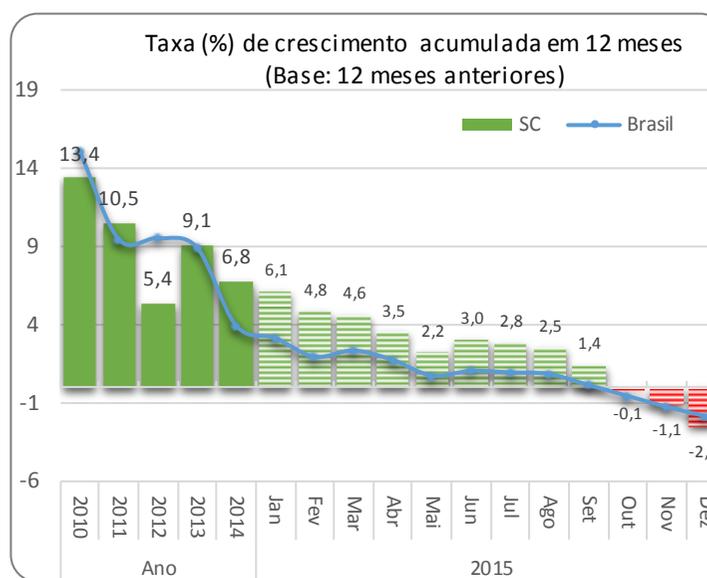
6.4 Volume e Receita Nominal de Vendas do Comércio Varejista Ampliado

VOLUME DE VENDAS



RECEITA DAS VENDAS

Fonte: IBGE - PMC



DESTAQUES

Vendas caem 10% em 2015

Inflação e juros mais altos, endividamento, desemprego e pessimismo no mercado derrubaram as vendas no comércio em 2015.

O volume de vendas do comércio varejista ampliado caiu 10% em 2015. A receita nominal das vendas caiu 2,5% no período. Em ambos os casos, a queda no Estado terminou o ano sendo maior que a do País.

Forte retração em dezembro

Pelo 6º mês consecutivo, na comparação mensal, a queda do volume de vendas do comércio no Estado foi maior que a verificada na média nacional. Em dezembro caiu 16,3% no Estado e 11% no País.

Apenas 2 segmentos cresceram

Dos 10 segmentos do varejo pesquisados, apenas o de fármacos e artigos de uso pessoal e doméstico tiveram algum crescimento em 2015. As maiores retrações foram no segmento de veículos e de equipamentos de escritório e informática. O segmento de alimentos retraiu 5%.

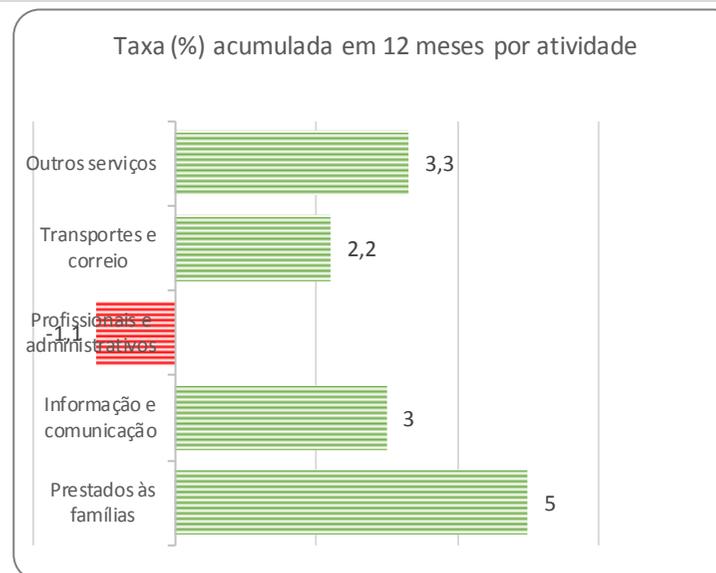
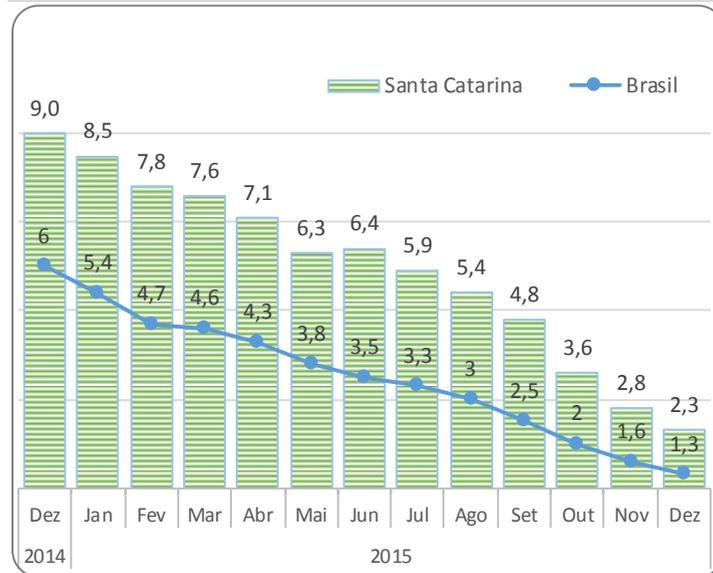
VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

Varição (%) mensal - dezembro (Base: igual mês do ano anterior)	ATIVIDADES	Varição (%) acumulada no ano até dezembro (Base: igual período do ano anterior)
-11,0	Comércio geral - BR	-8,6
-16,3	Comércio geral - SC	-10,1
-11,3	Combustíveis e lubrificantes	-1
-15,5	Hiper., superm., prod. aliment., beb. e fumo	-5
-5,3	Tecidos, vestuário e calçados	-2,3
-8,7	Móveis e eletrodomésticos	-5,4
6,3	Art. farmac., méd., ortop., de perf. e cosm.	4,9
-7,1	Livros, jornais, revistas e papelaria	-0,8
-34,8	Equip. e mat. para escrit., infor. e comunic.	-13,2
3,1	Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,2
-25,4	Veículos, motocicletas, partes e peças	-20,9
-11,0	Material de construção	-3,4

6.5 Receita Nominal do Setor de Serviços

TAXA (%) DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (Base: 12 meses anteriores)

Fonte: IBGE/PMS



TAXA (%) DE CRESCIMENTO DA RECEITA NOMINAL DO SETOR DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES

Setor e Atividade (PMS- IBGE)	Variação (%) mensal - dezembro (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var. (%) acum. no ano - até dezembro (Base: igual período do ano anterior)
Receita Total - BR	0,3	1,3
Receita Total - SC	1,6	2,3
Serviços prestados às famílias	0,3	5
Serviços de informação e comunicação	-1,6	3
Serv. profissionais, administr. e complementares	-0,1	-1,1
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	6,2	2,2
Outros serviços	0,8	3,3

DESTAQUES

Serviços mantêm tendência de queda

A receita nominal dos serviços em 2015, na comparação com o ano anterior, cresceu 1,3% em valores nominais, mantendo a tendência de queda. A inflação no mesmo período foi 10,67%.

A redução da massa salarial, o corte nos gastos das empresas e o aprofundamento da crise na indústria explicam a retração na receita dos serviços.

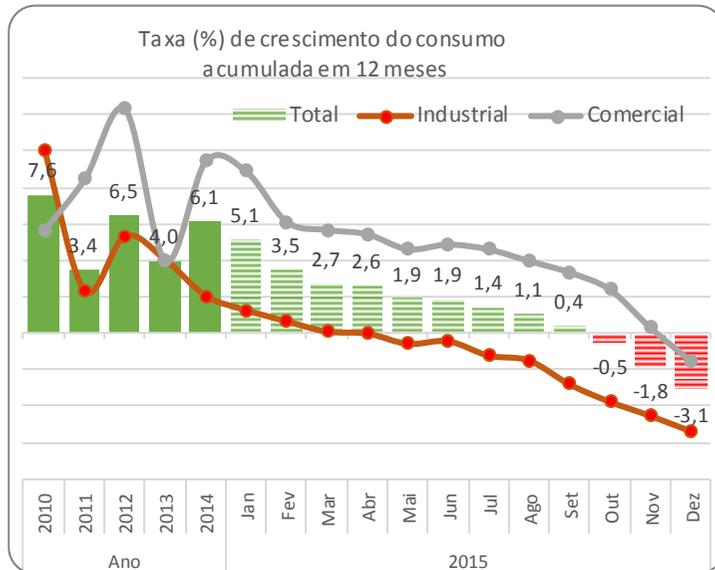
A receita nominal dos serviços em dezembro, na comparação com o mesmo mês de 2014, cresceu 1,6% no Estado e 0,3% na média do País. Os serviços profissionais e administrativos e de informação e comunicação reduziram receitas.

Em 2015, a receita dos serviços prestados às famílias, em SC, foi a que mais cresceu, ainda que abaixo da inflação. Este item inclui os serviços de alojamento e alimentação, de atividades artísticas e esportivas, de estética e higiene, entre outros.

6.6 Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica

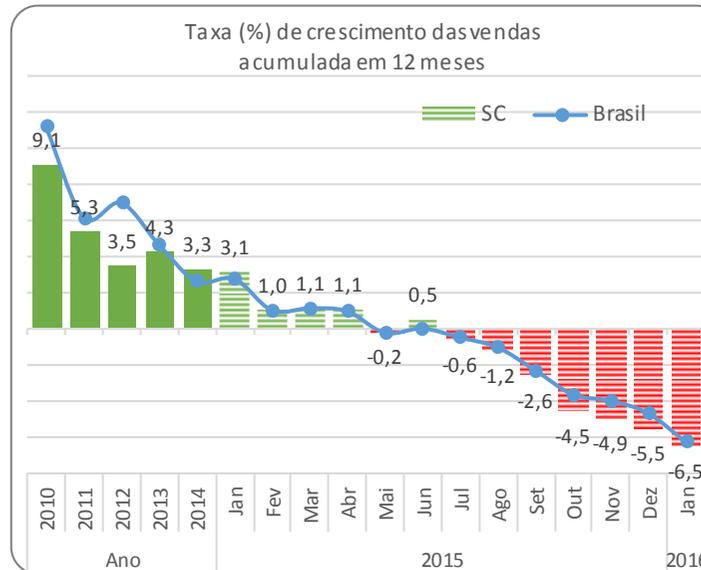
ENERGIA ELÉTRICA

Fonte: CELESC



ÓLEO DIESEL

Fonte: ANP



DESTAQUES

Energia Elétrica

O consumo de energia retraiu em 2015. Na indústria, a queda é mais significativa (-5,3%), mas, no comércio a queda também é expressiva. A crise econômica e o aumento das tarifas explicam a tendência.

Óleo Diesel

As vendas de óleo diesel continuam retraindo tanto no Estado como no País. A queda na movimentação de cargas por rodovias reflete efeitos da crise econômica.

Veículos: queda nas vendas preocupa

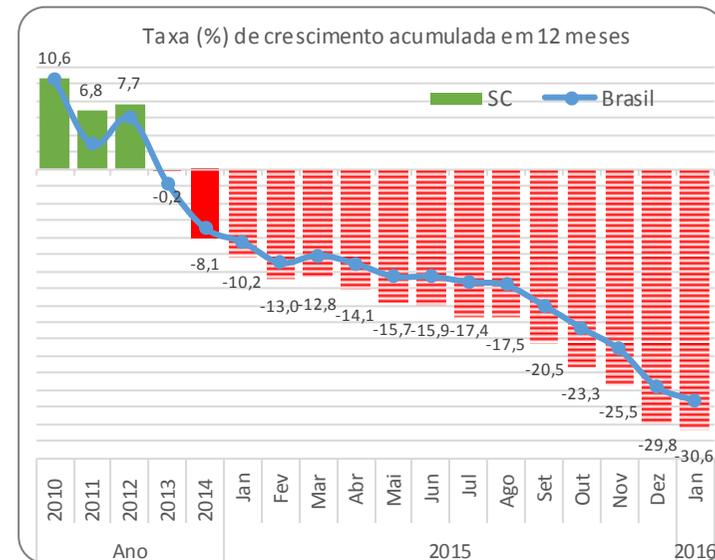
A venda de veículos no Estado encolheu 34% em janeiro, na comparação com janeiro de 2015, época em que o mercado já estava retraindo. Em 12 meses até janeiro, a retração no varejo foi 30,6%.

Cimento

O consumo no País vem desacelerando rapidamente. Com base na evolução do consumo no Sul do País, tendência semelhante se observa em Santa Catarina.

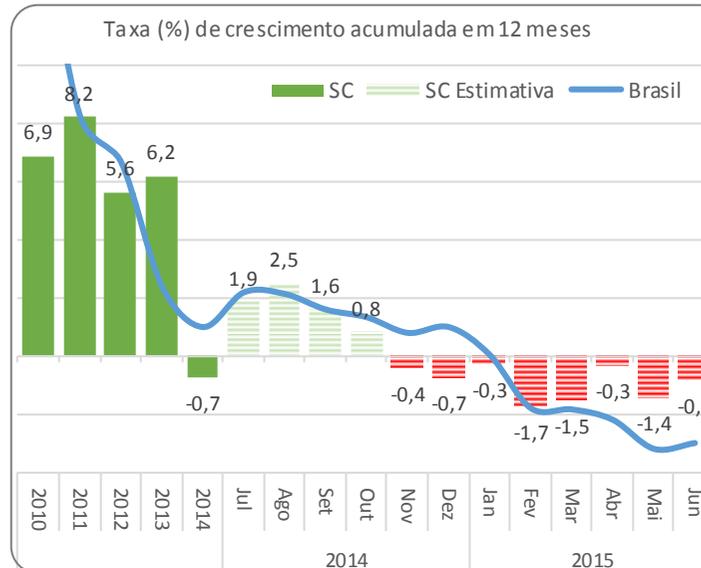
EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS

Fonte: FENABRAVESC



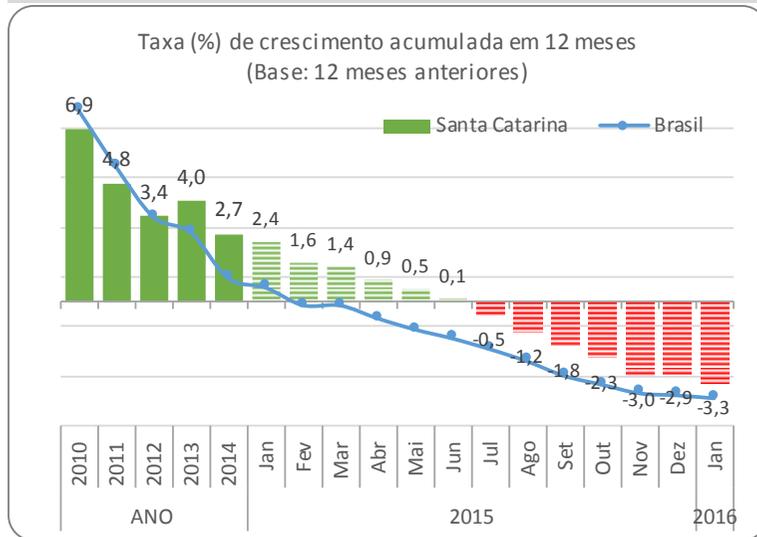
CONSUMO APARENTE DE CIMENTO

Fonte: SNIC

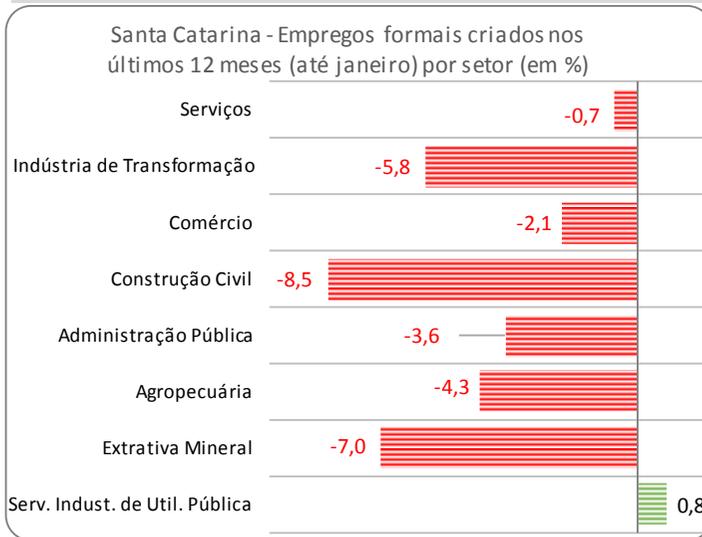


6.7 Mercado de Trabalho

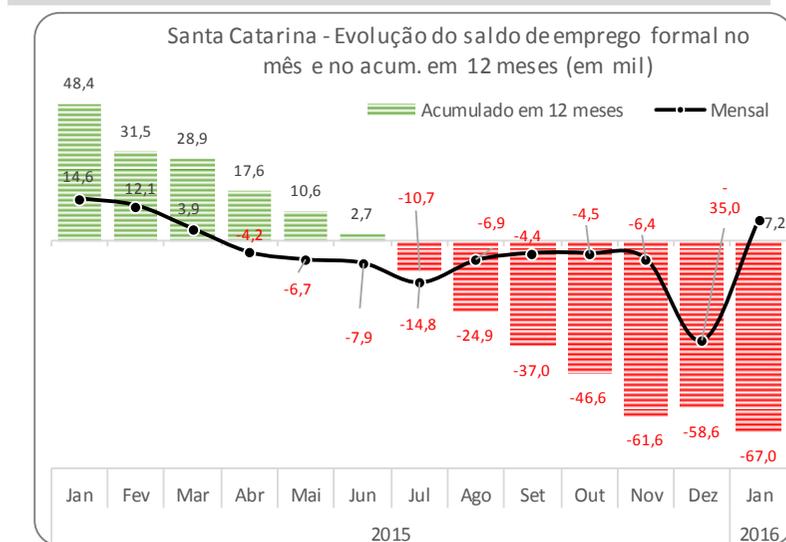
EMPREGO Fonte: MTE/CAGED



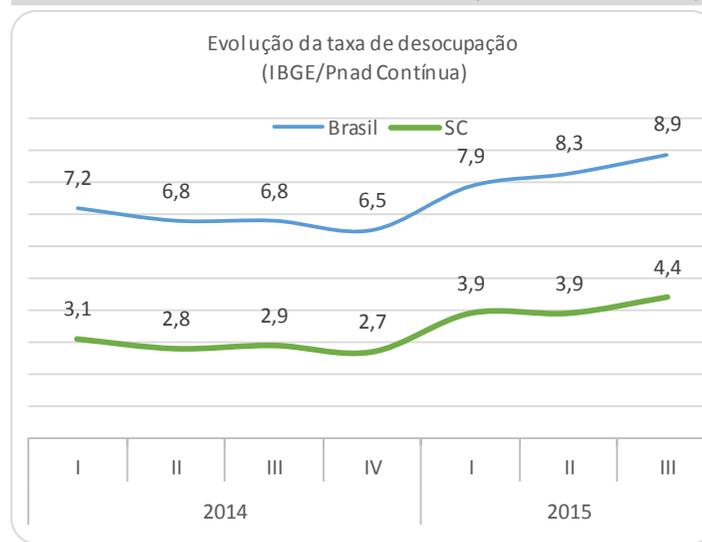
EMPREGO FORMAL POR SETOR Fonte: MTE/CAGED



Fonte: MTE/CAGED



DESEMPREGO (IBGE/PNAD Continua)



DESTAQUES

- 67 mil postos fechados**
O número de postos de trabalho no Estado caiu 3,3%, nos últimos 12 meses até janeiro. Foram 67.023 postos de trabalho fechados.
- Indústria lidera demissões**
Em 12 meses, a ind. de transformação (-40.073), a construção civil (-9.653) e o comércio (-9.014) foram os subsectores que mais reduziram postos. A construção e a ind. extrativa, no entanto, foram os que tiveram maior redução percentual.

- Turismo segura demissões**
O turismo deu um alívio à economia em janeiro. No mês foram gerados 7,2 mil novos postos de emprego, mesmo assim, foi a metade do gerado no mês em 2015. Apenas 5 estados brasileiros criaram novos postos no mês. O Rio Grande do Sul liderou gerando 52 postos a mais que SC. Ainda Mato Grosso, Paraná e Paraíba geraram novos postos no mês.

- Menor desemprego**
A taxa de desemprego no Estado cresceu no III trimestre de 2015, mas, é a menor do País. O rendimento médio do trabalho em SC era de R\$ 2.042, contra R\$ 1.866, no País.

6.8 Comércio Exterior

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA

Fonte: MDIC

DESTAQUES

Persiste retração no comércio exterior

A retração do comércio exterior se amplia em janeiro. Nos últimos 12 meses, o valor das exportações caiu 15,8% no Estado, e 15,3% no País.

Exportações caem em janeiro

O valor em dólares das exportações catarinenses declinaram 29,7% em janeiro frente a dezembro. No País, a queda foi de 33%.

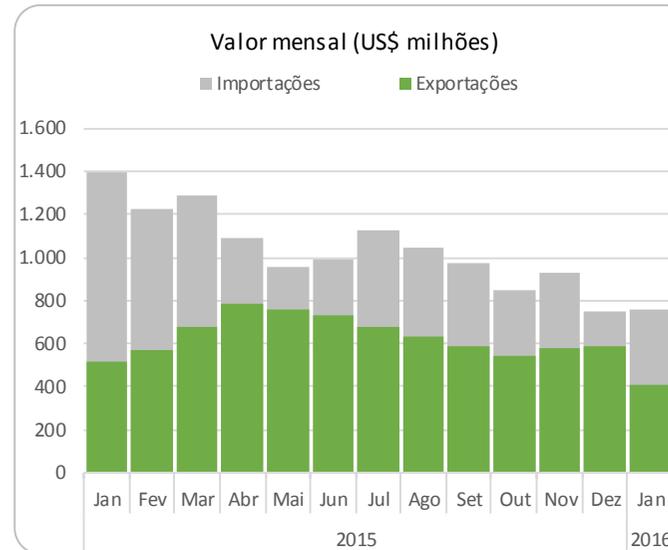
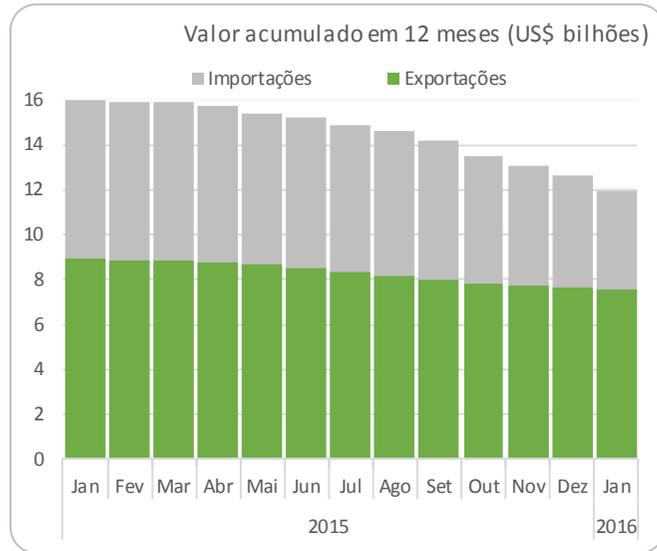
Estado é o 11º no ranking

Em relação a janeiro de 2015, a queda no Estado foi de 20,7% e no País, de 17,9%. Santa Catarina participou com 3,7% das exportações brasileiras, ocupando a 11ª posição no ranking nacional.

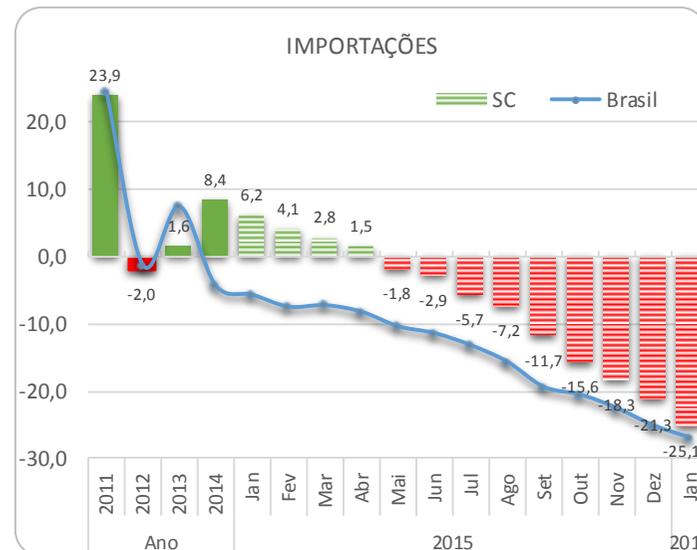
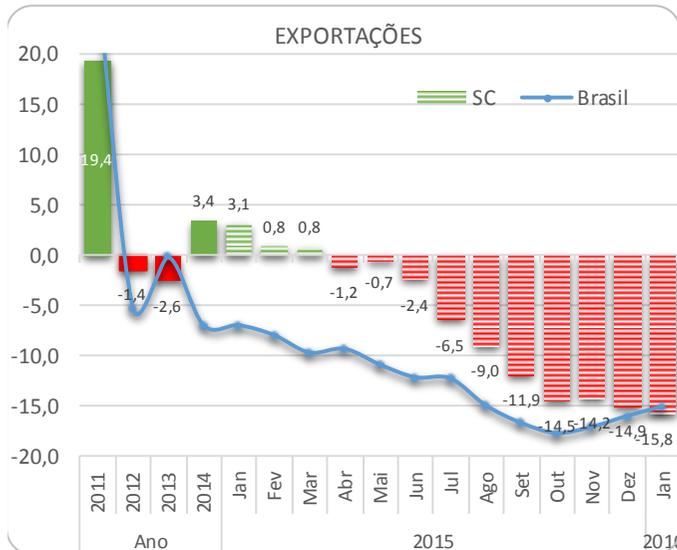
Principal item teve queda de 20,5%

O valor em dólares das exportações estaduais de carnes e miudezas que representaram 30% das exportações de janeiro tiveram queda de 20,5% em relação a janeiro de 2015.

Retração econômica no Brasil e desvalorização do real explicam a queda das importações tanto no Estado como no País.

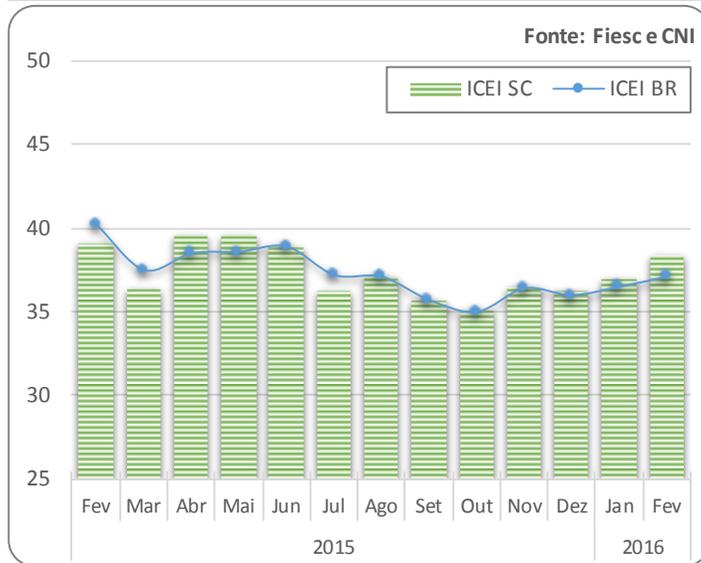


TAXA (%) DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES (Base: 12 meses anteriores)

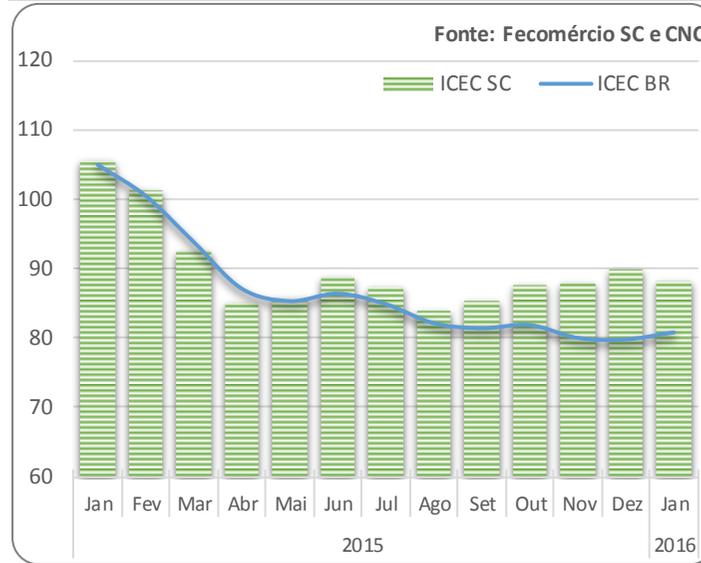


6.9 Índices de Confiança

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL CATARINENSE - ICEI



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC



DESTAQUES

Melhora na indústria

A confiança dos empresários teve leve melhora, mas, continua bem abaixo da média histórica. Avaliam uma falta de perspectiva aos negócios frente à instabilidade política e econômica.

Pessimismo no comércio

Em relação a janeiro de 2015, O ICEC reduziu 16%, refletindo a deterioração do mercado de trabalho e a retração da atividade do comércio ao longo do ano passado.

Consumidor pessimista

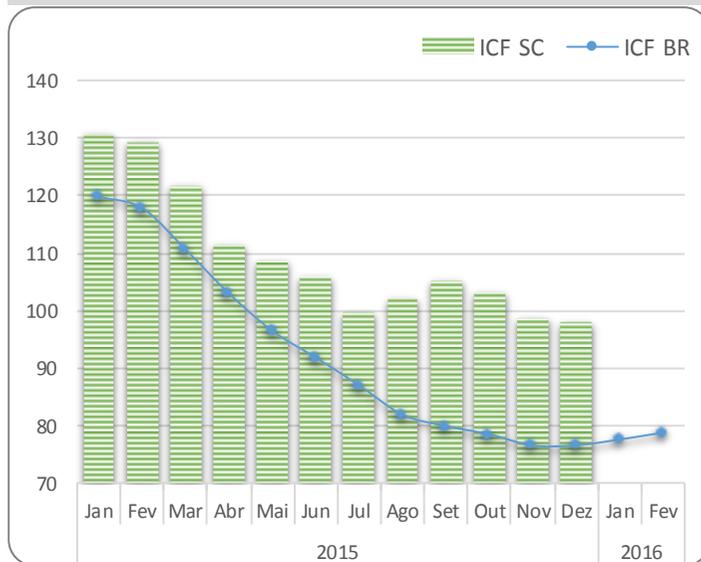
A confiança do consumidor brasileiro parou de cair e ensaia alguma melhora. No entanto, diante de avaliações negativas sobre presente e futuro, ainda é precipitado prever reversão das expectativas.

Endividamento diminui

O percentual de famílias com dívidas caiu um pouco nesse início de ano, mas ainda é maior que o do mesmo período de 2015. No entanto, o percentual daquelas com dívidas em atraso ou sem condições de pagar cresceu 69% e 78%, respectivamente.

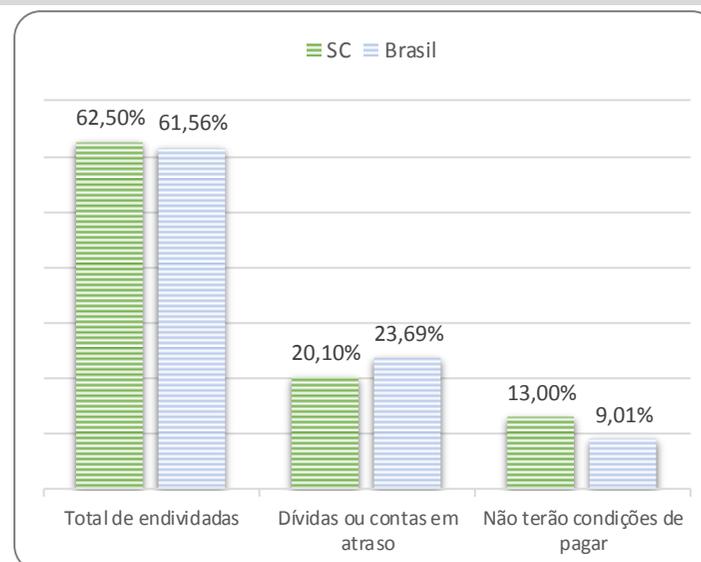
INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF

Fonte: FECOMÉRCIO



ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS - Janeiro 2016

Fonte: FECOMÉRCIO



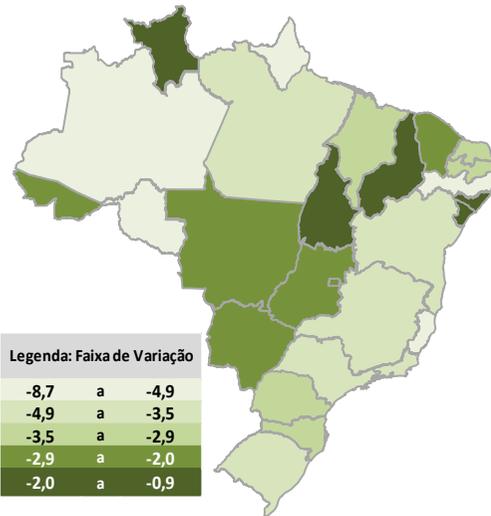
(1) O ICEI mede a opinião dos industriais sobre as condições econômicas. Varia no intervalo de 0 a 100. Acima de 50 indica confiança e, abaixo, falta de confiança na economia.

(2) O ICEC mede a percepção dos empresários do comércio no seu ambiente de negócios. Varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a insatisfação e a satisfação dos empresários. (3) O ICF varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a avaliação de pessimismo e de otimismo das famílias.

6.10 Desempenho dos Estados

Desempenho dos Estados - Taxa (%) de crescimento acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)

Emprego formal - Janeiro



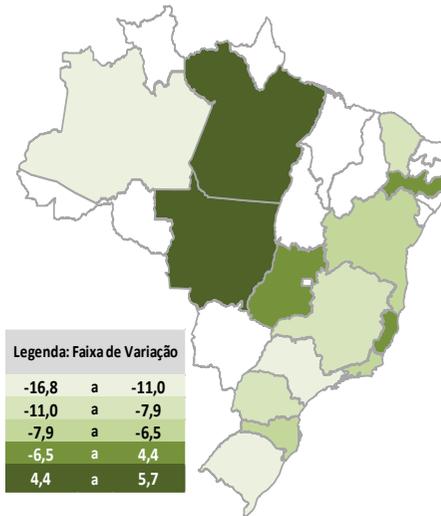
Legenda: Faixa de Variação

-8,7	a	-4,9
-4,9	a	-3,5
-3,5	a	-2,9
-2,9	a	-2,0
-2,0	a	-0,9

Posto dos 14 maiores estados e DF

1 Distrito Federal	-2,1
2 Goiás	-2,2
3 Mato Grosso	-2,2
4 Ceará	-2,9
5 Paraná	-3,0
6 Santa Catarina	-3,3
7 Rio Grande do Sul	-3,6
8 São Paulo	-3,8
9 Bahia	-4,2
10 Rio de Janeiro	-4,4
11 Pará	-4,7
12 Minas Gerais	-4,7
13 Espírito Santo	-5,9
14 Pernambuco	-6,5
15 Amazonas	-8,7

Produção Física da Indústria - Dezembro



Legenda: Faixa de Variação

-16,8	a	-11,0
-11,0	a	-7,9
-7,9	a	-6,5
-6,5	a	4,4
4,4	a	5,7

Posto dos 14 maiores estados

1 Pará	5,7
2 Mato Grosso	4,7
3 Espírito Santo	4,4
4 Goiás	-2,5
5 Pernambuco	-3,5
6 Rio de Janeiro	-6,5
7 Bahia	-7,0
8 Santa Catarina	-7,9
9 Minas Gerais	-7,9
10 Paraná	-9,6
11 Ceará	-9,7
12 São Paulo	-11,0
13 Rio Grande do Sul	-11,8
14 Amazonas	-16,3

DESTAQUES

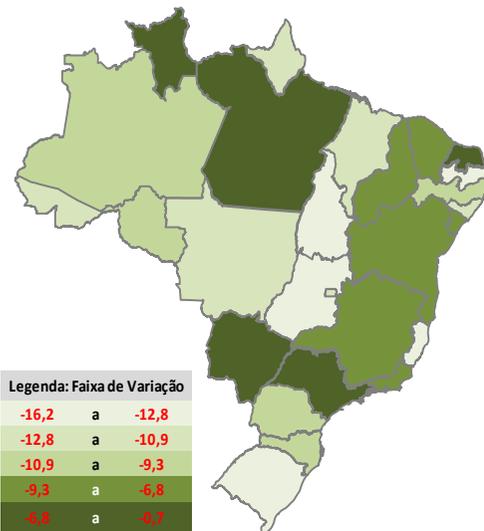
Retração generalizada no emprego

A forte e ampla retração da economia vem reduzindo o emprego nos estados brasileiros. Aqueles de economia agrícola ou extrativa estão entre os menos prejudicados.

Indústria - Sul e Sudeste têm forte retração

A agroindústria e a extrativa atenuaram a retração em alguns estados brasileiros. Em SC, de produção mais diversificada, a produção já encolheu 7,9% em 12 meses. Ainda assim, retraiu menos que nos demais estados do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

Vol. de vendas no comércio varejista ampliado-Dezembro



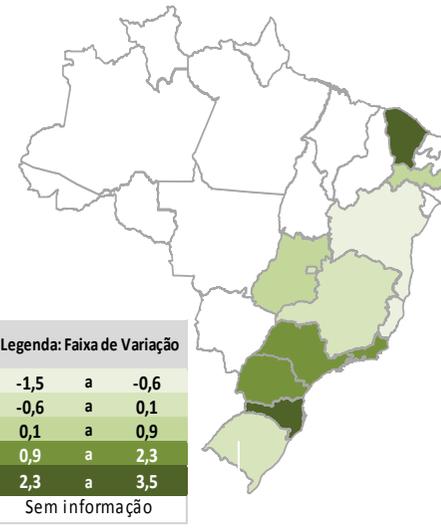
Legenda: Faixa de Variação

-16,2	a	-12,8
-12,8	a	-10,9
-10,9	a	-9,3
-9,3	a	-6,8
-6,8	a	-4,7

Rank dos 14 maiores estados e DF

1 São Paulo	-5,9
2 Pará	-6,6
3 Minas Gerais	-7,0
4 Rio de Janeiro	-8,0
5 Ceará	-8,3
6 Bahia	-9,3
7 Paraná	-9,3
8 Santa Catarina	-10,1
9 Amazonas	-10,5
10 Pernambuco	-10,8
11 Mato Grosso	-11,5
12 Distrito Federal	-12,3
13 Rio Grande do Sul	-13,2
14 Goiás	-15,0
15 Espírito Santo	-16,2

Receita nominal do setor de serviços - Dezembro



Legenda: Faixa de Variação

-1,5	a	-0,6
-0,6	a	0,1
0,1	a	0,9
0,9	a	2,3
2,3	a	3,5
Sem informação		

Posto dos 11 maiores estados e DF

1 Ceará	3,5
2 Santa Catarina	2,3
3 Paraná	2,3
4 São Paulo	2,1
5 Rio de Janeiro	1,0
6 Goiás	0,4
7 Pernambuco	0,3
8 Minas Gerais	0,0
9 Distrito Federal	-0,1
10 Rio Grande do Sul	-0,4
11 Bahia	-1,0
12 Espírito Santo	-1,5

Comércio: Desempenho de SC abaixo da média

O comércio de SC teve um péssimo desempenho no segundo semestre de 2015 passando a retrair mais do que a média nacional.

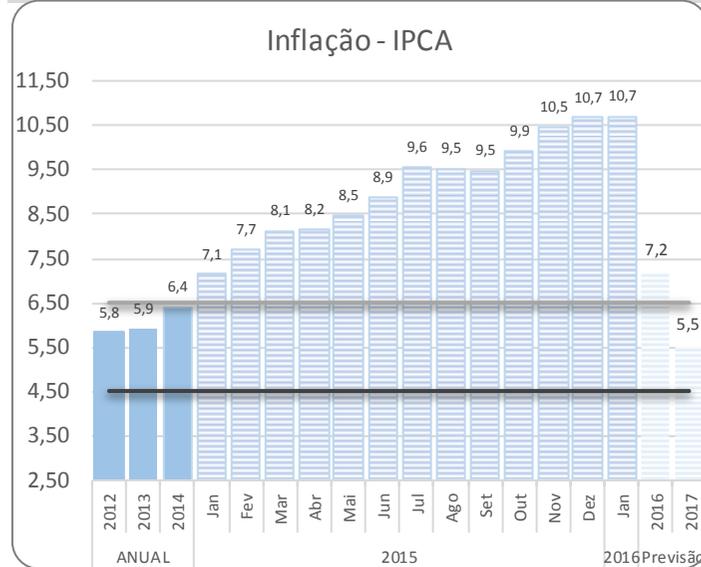
Setor de serviços é destaque

A receita dos serviços continua caindo, mas, SC mantém o melhor desempenho do Centro-Sul do País. Com os resultados de dezembro, mantém-se como o 2º estado onde a receita nominal mais cresceu entre aqueles onde ocorre a pesquisa.

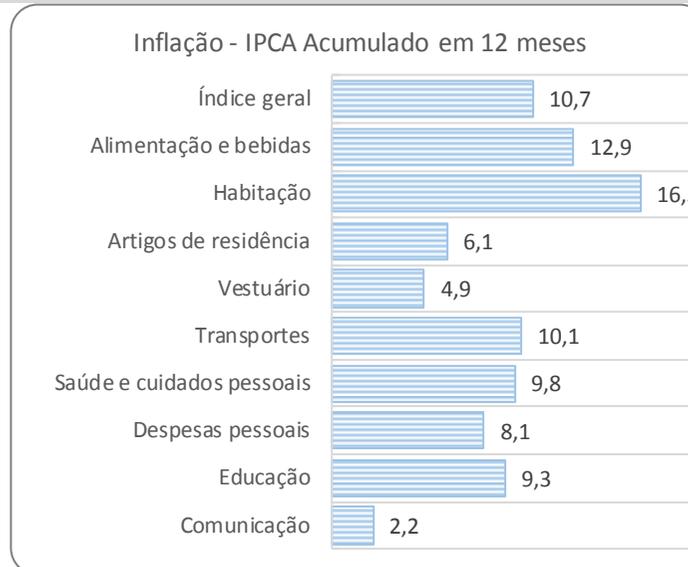
7 OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS – INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO

IPCA - Variação (%) acumulada em 12 meses

Fonte: IBGE



IPCA-Var. (%) acum. em 12 meses até janeiro, por setor



DESTAQUES

Inflação mais elevada desde 2003

O IPCA dos últimos 12 meses ficou em 10,71%, acima dos 10,67% dos 12 meses imediatamente anteriores, constituindo-se no resultado mais elevado desde novembro de 2003, quando registrou 11,02%.

IPCA: os vilões

O grupo de alimentação e bebidas e o de transportes foram os responsáveis pela maior parte do resultado do mês. No acumulado em 12 meses as maiores altas seguem sendo o grupo habitação (energia elétrica), alimentação e bebidas (hortifruti) e transportes

Índice é o maior desde 2003

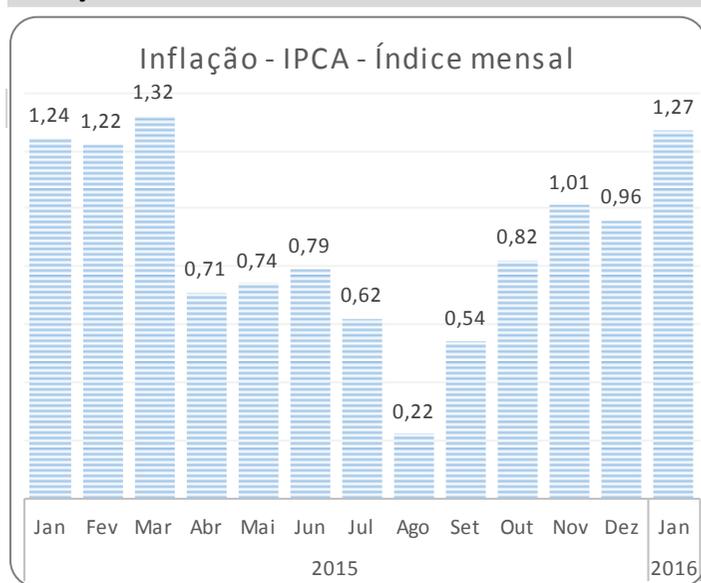
o IPCA de janeiro teve variação de 1,27% e ficou acima da taxa de 0,96% registrada em dezembro. Trata-se da taxa mensal mais alta para o mês desde 2003, quando atingiu 2,25%. Em janeiro de 2015 a taxa foi 1,24%.

Real teve pequena valorização

O real teve pequena valorização em fevereiro, mas o câmbio tem flutuado muito. Incertezas na política e na economia, a crescente possibilidade de aumento dos juros nos EUA e os preços do petróleo que voltaram a cair vem influenciando o preço do dólar.

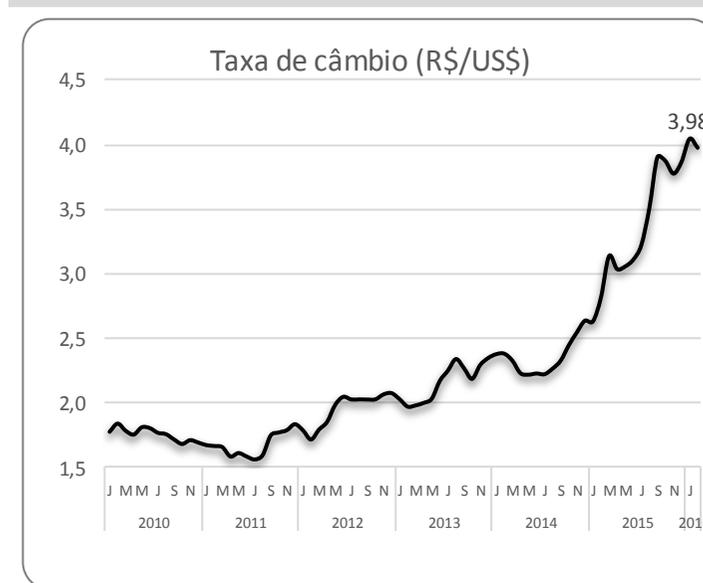
INFLAÇÃO

Fonte: IBGE



CÂMBIO

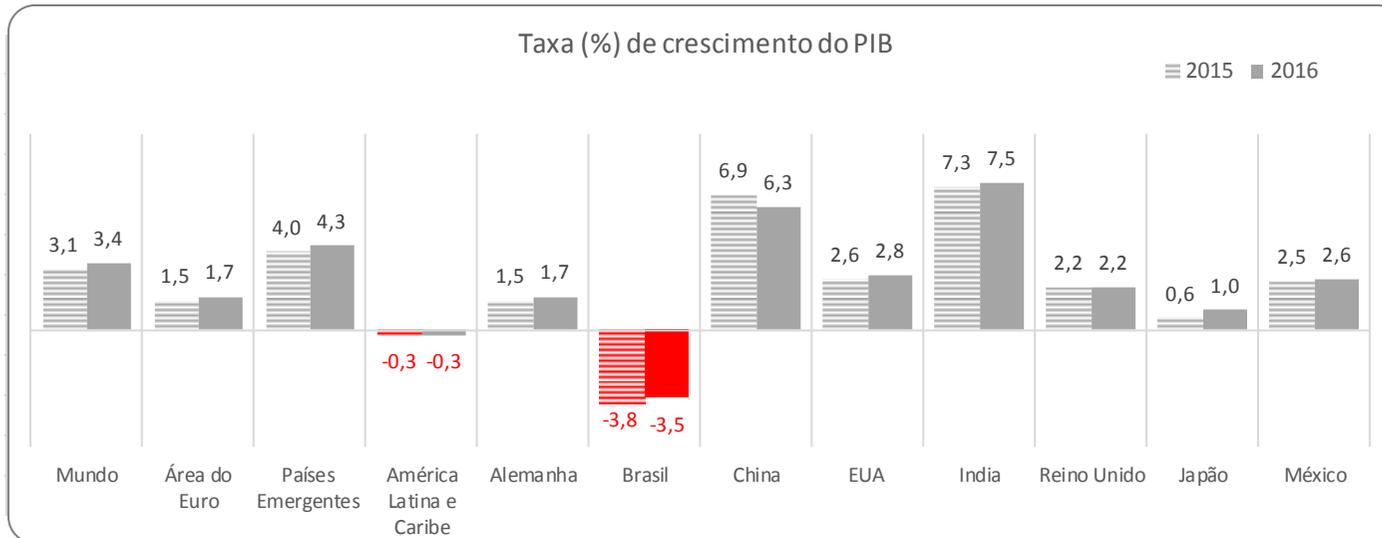
Fonte: BACEN



8 ECONOMIA INTERNACIONAL

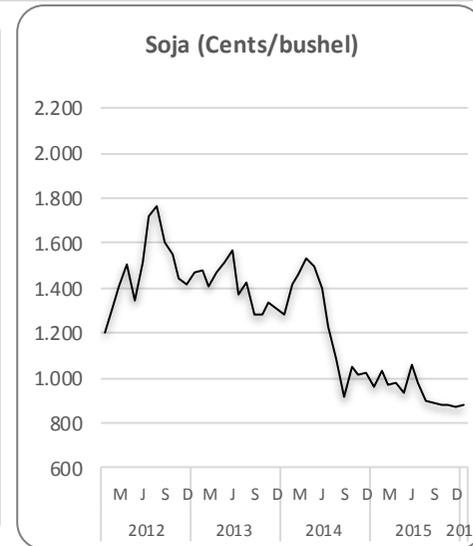
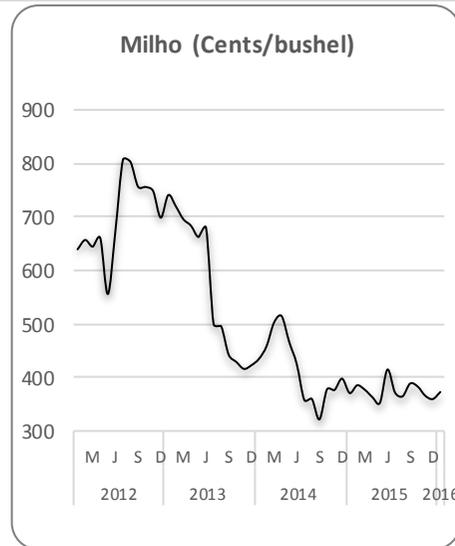
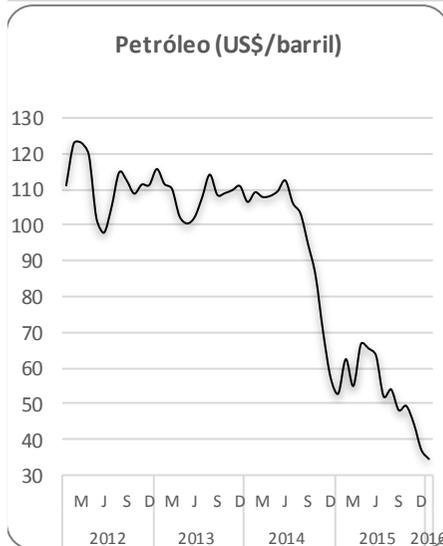
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

Fonte: FMI - World Economic Outlook Database - Janeiro de 2015



COMMODITIES - Preços no Mercado Internacional (Em US\$)

Fonte: Bloomberg/Banco Central do Brasil- fevereiro de 2016



DESTAQUES

Mundo: Demanda fraca reduz perspectivas

O mundo deverá crescer menos em 2016 do que anteriormente previsto pelo FMI. A projeção passou de 3,6% para 3,4%.

Causas da retração

Nas economias avançadas o crescimento será menor do que antes esperado. Nos países emergentes o FMI destaca a desaceleração da China e as dificuldades econômicas no Brasil, Rússia e em alguns países do Oriente Médio.

Brasil - Pior Perspectiva

Entre os principais países do mundo, o Brasil teve o maior rebaixamento nas perspectivas de crescimento e exibe a pior projeção entre o período 2015-2017. Aos problemas internos agora se somam um menor crescimento mundial e preços das commodities em baixas recordes.

Commodities agrícolas recuperam preço

O preço do petróleo no mercado internacional manteve tendência de queda em janeiro, caindo mais 6,8%. Já o da soja e o do milho subiram 1,3% e 3,7%, respectivamente, no mês.